



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6132 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

O QUE DIZEM CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE UM VERNISSAGE NO MUSEU DE ARTE DE BLUMENAU

Rosana Clarice Coelho Wenderlich - FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau
Carla Carvalho - FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau

O QUE DIZEM CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE UM

VERNISSAGE NO MUSEU DE ARTE DE BLUMENAU

O lugar da arte nos espaços formais e não formais de educação e sua relação com a educação estética é uma indagação constante entre professores, pesquisadores e profissionais desta área. Compreender este lugar, o museu de arte, nos levou a uma pesquisa que teve por objetivo compreender percepções das crianças e adolescentes com idade entre 9 a 14 anos em uma visita ao *vernissage* de abertura às temporadas de exposições no Museu de Arte de Blumenau (MAB). Sob esta ótica, importa salientar que o recorte ora apresentado da dissertação tem enfoque na mediação cultural e neste resumo iremos discutir as temporadas de exposições realizadas no MAB.

O museu de arte, aqui compreendido como espaço potencial e poético permite tecer relações com a experiência e a educação estética tendo a mediação cultural como um “[...] ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor”. (MARTINS, 2012, p. 29). Discutidas nesta pesquisa, a aproximação das crianças e adolescentes aos diferentes códigos estéticos podem permitir uma educação do olhar e uma educação do sensível permeadas pelo contato com os artistas e suas obras, e uma possível mediação cultural na abertura às temporadas de exposições.

Somos provocadas a pensar a potência deste lugar, e nesse sentido, buscamos desvelar os conceitos e entendimentos que as crianças e adolescentes tem sobre museus, arte e obras de arte ao adentrarem os espaços museais. A construção desses olhares e sentidos vai sendo tecida, fio a fio, assim como nossa pesquisa.

Estabelecemos o percurso metodológico tendo como foco o viés qualitativo como abordagem de investigação, de acordo com Bogdan e Biklen (1994) em que a pesquisa qualitativa está relacionada a descrição do processo e não simplesmente seu resultado. A pesquisa qualitativa possibilita o pesquisador aproximar-se da subjetividade dos sujeitos pesquisados, permitindo desta forma, que sejam descritas as narrativas, vivências e experiências de cada sujeito. Buscamos desvelar a experiência estética vivenciada como forma de “[...] manifestação da existência humana” (DUARTE JR., 2001, p. 27) e

compreender que “[...] é através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro, sensível com o mundo” (DUARTE JR., 2001, p. 25). Em consonância com a abordagem qualitativa, apoiamos-nos no enfoque da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA).

Aportadas na (PEBA) que segundo Dias (2013, p. 23) “[...] o convite ao leitor, nessas metodologias, é diferente do apelo da pesquisa tradicional, pois está baseado no conceito de que o sentido não é encontrado, mas construído e que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo”. Nesta proposta, o desafio está em transformar o processo de pesquisa em criação artística identificado como a/r/tografia, metáfora utilizada para classificar o pesquisador como aquele que desenvolve arte, pesquisa e ao mesmo tempo é professor. (DIAS, 2013).

Nosso tecer de palavras, pauta-se na Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) pois surge como possibilidade de fazer pesquisa tendo a arte como caminho, um “[...] ato criativo *em si e per si*.” (DIAS, 2013, p. 23). E assim, escolhemos a a/r/tografia que nos desafia a discorrer a pesquisa de forma poética sem perder a cientificidade do processo. A PEBA como metodologia que ressalta a incerteza, a imaginação, a introspecção, a visualização e o dinamismo como categorias reafirma a arte como elemento essencial para desenvolver a pesquisa e requer compreender que “[...] o sentido não é encontrado, mas construído e que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo” (DIAS, 2013, p. 23).

A/r/tografar é também deixar marcas nas palavras grafadas e assim utilizamos metáforas e assumimos a *ninhagem* para abordar esta pesquisa. Ousamos alçar voo em território pouco conhecido e nele encontramos lugar para construir nosso “ninho”, brincamos com as palavras, poetizamos, criamos obras, fazemos arte e quando nos damos por conta, somos parte inseparável do processo. Uma hibridização entre texto e imagem como afirma Dias (2013).

Os pássaros tecem delicadamente seus ninhos, e assim, esta pesquisa tece suas linhas. Seus sujeitos tornam-se nossos parceiros de voo e são o que Bourdieu e Passeron (2018) denominam “herdeiros” de uma cultura, um capital cultural herdado e vivido no contexto familiar, uma cultura legitimada, pois estes frequentam habitualmente museus e outros espaços culturais. As crianças e adolescentes participantes dessa pesquisa são frequentadores de espaços museais, aqui está uma singularidade que marcamos e que caracterizam esse sujeitos.

O espaço de nossa pesquisa acontece em uma majestosa e imponente edificação construída em 1875, com características do século XIX, foi sede da antiga Prefeitura Municipal de Blumenau entre 1875 a 1985, abrigou a Administração Municipal, o Fórum e o Arquivo Histórico e é hoje sede do Museu de Arte de Blumenau (MAB) vinculado à Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais (SMC).

Inaugurado em 03 de dezembro de 2004, o MAB está localizado no Centro Histórico de Blumenau, envolto por importantes espaços culturais como o Museu da Família Colonial, Mausoléu Dr. Blumenau, Rua das Palmeiras, Museu da Cerveja, Cemitério dos Gatos, Arquivo histórico Prof. José Ferreira da Silva, Biblioteca Dr. Fritz Muller e o Museu de Hábitos e Costumes.

De forma metafórica o MAB encontra-se ao centro de uma ninhagem cultural tecida pela linha do tempo e da história do município. Sua estrutura conta com cinco salas para

exposições que receberam o nome de importantes ícones da arte catarinense: Sala Roy Kellermann, Sala Elke Hering, Sala Pedro Dantas, Sala Alberto Luz e Galeria do Papel. O *vernissage* de abertura às temporadas de exposições, contexto dessa pesquisa, acontecem nessas salas de exposições do museu em “Noite Multicultural”.

Buscamos trazer à baila as temporadas de exposição planejadas pelo MAB sob o olhar das crianças e adolescentes e por intuirmos que a educação do sensível reafirma-se na compreensão de que: “[...] o acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e alteridade”. (LEITE, 2005, p. 23). Assim, o museu e suas temporadas de exposições podem tornar-se espaço de potencialidades, lugar de encontro, onde nossa ninhagem vai delicadamente sendo tecida.

Os instrumentos utilizados para a geração de dados foram diários de “linhas” (bordo) entregues às crianças e adolescente, diário de campo da pesquisadora, registros fotográficos do processo, grupo focal (registro de áudio) e entrevista com os pais e a gerência do MAB.

Apresentamos aqui parte dos estudos realizados por meio das narrativas geradas na pesquisa, pautadas nas palavras de Larrosa (1995, p.43) ao dizer que: “[...] a narrativa e a vida vão juntas e, portanto, o atrativo principal da narrativa como método é sua capacidade de reproduzir as experiências da vida, tanto pessoais como sociais, em formas relevantes e cheias de sentido”. Estas reafirmam nossa escolha permitindo-nos acessar as experiências e perspectivas de nossos sujeitos, que nesta pesquisa chamaremos de “parceiros de voo”.

A seleção dos parceiros de voo permeou uma visita a um *vernissage* de abertura das temporadas de exposições no ano de 2018, com intuito de mapear e convidar crianças/adolescentes a participarem da pesquisa, fizeram parte deste estudo 5 crianças e adolescentes, com idades entre 9 e 14 anos de idade e que habitualmente frequentam as temporadas de exposições do MAB e outros espaços de arte e a cultura. Essas crianças e adolescentes são consideradas como público espontâneo, pois frequentam esse espaço com seus familiares. Observamos a presença destas crianças e adolescentes em mais de um *vernissage*, e são elas nossos parceiros de voo. Os acompanhantes desses parceiros de voo foram contatados durante uma exposição e foi solicitada a permissão para a pesquisa. Posteriormente foi encaminhado ao Comitê de Ética e realizado o procedimento para o encontro pessoal para a geração dos dados.

As transformações sociais e culturais são permeadas pela arte, entendendo-a nas palavras de Duarte Jr. (2001, p. 25) como aquela que: “[...] busca apresentar situações humanas particulares nas quais esta ou aquela forma de estar no mundo surgem simbolizadas e intensificadas perante nós”. Sob esta ótica, nossos olhares estão voltados para os percursos de mediação cultural das crianças e adolescentes em um *vernissage*, e que por sua vez remete-nos a um termo importante nesse percurso – a experiência. Para Larrosa (2002, p.25) “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência, está portanto, aberto à sua própria transformação”. Assim, as temporadas de exposição do MAB podem ser o lugar para essa experiência e “[...] a arte pode consistir num precioso instrumento de educação do sensível [...]” Duarte Jr. (2001, p. 25), para nossas crianças e adolescentes.

São organizadas anualmente cinco temporadas de exposições no MAB com a presença de artistas Blumenauenses e de diversos locais do país e do mundo. Em suas edições o *vernissage* é marcado com a presença dos artistas que realizam uma conversa

sobre as obras e seus percursos criativos com o público presente.

No ano de 2019 o MAB realizou a 1ª temporada de exposições de 14 de março a 5 de maio e a 2ª temporada de 16 de maio a 23 de julho. Esta última escolhida para ser nosso momento de encontro e tecer os primeiros fiapos com as crianças e adolescentes para aprofundar nossos olhares e construir nosso “ninho”.

A noite multicultural da 2ª temporada de exposições do MAB mobilizou os presentes a vivenciar diferentes linguagens – pintura, fotografia, desenho, vídeo, instalação, cerâmica e a magia das notas musicais da Banda Municipal de Blumenau. Reunindo obras de 15 artistas de Blumenau, Curitiba, São Paulo, Florianópolis e Rio de Janeiro o *vernissage* contou com a tradicional conversa com os artistas, lançamento de livro e visitação as galerias. Apresentado um breve relato do contexto, a seguir apresentamos um recorte das análises de dados da pesquisa.

Duarte Jr. (2001) em seu livro “O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível” descreve a necessidade de buscarmos uma educação mais humana: “[...] necessidade real e urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar *educação estética*” (2001, p.15), uma educação que passa pelo ser poético e sensível de cada pessoa.

Pensar a educação sob a ótica da mediação cultural com os artistas e suas obras apresentadas às crianças e adolescentes nas temporadas de exposições do MAB, pode tornar-se esse lugar de experiências sensíveis que fazem sentido, nos tocam, nos passam e nos transformam por meio de uma educação sensível, uma educação do olhar, uma educação estética. Essa educação do olhar, que faz sentido e que se torna sensível pode ser percebida na narrativa de uma de nossas parceiras de voo com pseudônimo Galha-azul ao dizer que: “[...] *sem poder explicar mudam ou não meus jeitos de encarar as pessoas e até mesmo outras realidades que desconheço*” ao relatar que as experiências vividas no museu lhe afetam e lhe transformam produzindo novos sentidos estéticos.

A partir dessa narrativa podemos considerar que vivenciar as temporadas de exposição do MAB é uma experiência que nos afeta, no sentido proposto por Larrosa (2017), de nos tocar, reafirmada pelo parceiro de voo João-de-barro ao dizer que: “[...] *fui para ver as obras achei que iria ficar desconectado das obras, mas nem fui eu que quis, as obras me escolheram, fiquei extremamente conectado com as obras*”. Essa conexão pode ser compreendida como uma experiência única, que faz sentido para este parceiro de voo, que lhe toca e lhe transforma de alguma maneira singular e sensível através da experiência particular, subjetiva, relativa, contingente, pessoal e ainda que “[...] o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (LARROSA, 2017, p. 32). Essa ausência de repetição da experiência, essa singularidade, nos faz perceber o quanto o contato com a “[...] arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível”. (DUARTE JR., 2001, p. 25).

Nesse viés e sob a ótica da intensa relação experiência/sentido evidencia-se na narrativa da Galha-azul ao relatar que “[...] *ir ao museu é como tomar um banho de mar pela primeira vez ou ficar ao sol no começo de uma manhã de inverno [...]*” que o museu e suas temporadas de exposições nos fazem pensar que este lugar “[...] é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”. (LARROSA, 2017, p.16).

Se por museu, entendemos nesta pesquisa, este como lugar de educação do olhar e educação do sensível, torna-se precioso alçar voos intensos e cuidadosos sobre o que

buscamos investigar e o que iremos encontrar. Nesse processo descobrimos que as relações interpessoais são valorosas e pertinentes na ação de ouvir, observar com olhos de ver, e falar sobre uma educação do sensível permeada pela mediação cultural com os artistas e suas obras de arte, em uma visita as temporadas de exposições num Museu de Arte, pois "[...] a ação de mediação cultural deve pautar-se na busca pela estesia, que enseja uma curiosidade [...]" (URIARTE, *et al.* 2016, p. 40). Esta curiosidade, que pode ser desencadeada na estesia, tendo sua base na mediação cultural abordada pelas autoras, evidencia-se na narrativa de outro parceiro de voo, o Canário, ao questionar a pesquisadora se poderia deslocar-se a outras galerias para visualizar as obras e instalações e tirar suas próprias fotos, "[...] e retorna em estado de estesia para nos contar que em seu diário coletou autógrafos dos artistas." (Excerto – diário de campo).

A presença dos artistas aguça a curiosidade das crianças e adolescentes, uma possibilidade de abertura para o diálogo e reafirma que a mediação cultural é "estar entre muitos". As narrativas nos excertos apresentados, demonstram uma abertura para a mediação, Gralha-azul aproxima-se do artista para tentar entender sua proposição e percebe que esta pode ser uma forma de "[...] acesso as obras de arte" para além das paredes do museu. A exposição intitulada "desenhos de um real" permite a aquisição de obras e Canário relata que adquirir uma obra "[...] é uma experiência nova, tipo, eu nunca vi isso, nunca... e nem sei se vou ver de novo [...]". O contato com os artistas proporciona outro olhar sobre o museu, uma educação do sensível percebida nestes excertos. Durante o *vernissage* as crianças e adolescentes têm a oportunidade de dialogar com os artistas sobre seus processos criativos e conhecer mais sobre as obras nas próprias palavras dos artistas.

Como não se encantar com estes parceiros de voo, com seus olhares singulares e sensíveis e compreender que mediação cultural é "estar entre muitos". Lembramos de um pequeno trecho de Manoel de Barros que diz: "que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balança, nem com barômetro, etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós". As considerações tecidas e entrelaçadas as palavras de Barros – "Memórias Inventadas", traduzem a riqueza da memória e da estesia da infância por ele vivida com intensidade na experiência que atravessa nosso corpo e deixa marcas. Consideramos que há muitos fios a tecer sobre a mediação cultural, a arte e a educação dos sentidos, ou como Duarte Jr. (2001) delinea, uma educação do sensível que seja causadora de encantamento e estesia, talvez não possa ser mensurada, mas de alguma forma transcrita em palavras grafadas nas linhas da pesquisa em questão.

As análises que trouxemos aqui apresentam-se como recorte do capítulo da pesquisa que discute o Museu de Arte de Blumenau (MAB) e suas temporadas de exposições, como lugar potencial para que a mediação cultural seja entendida como: "[...] processo de afetamento dos sujeitos na relação com a obra, pois, uma vez afetados pelo objeto propositor, as pessoas apropriam-se de outros saberes que, de alguma forma, interferem na sua forma de ser e estar no mundo, em suas diversas dimensões [...]" (BORBA; NEITZEL; CARVALHO, 2016, p. 93).

Percebemos a relevância da disposição de nossos parceiros para vivenciar encontros com a arte e, nesse sentido o momento é precioso para relações que se tecem entre a obra e o fruidor. Observamos que a mediação com o artista possibilita uma experiência única de encontro e estesia entre as obras e as crianças e adolescentes, em especial. Neste sentido, apontamos uma possível mediação cultural que acontece na relação entre o artista, as famílias e as crianças e adolescentes.

Conceber o museu como espaço que abriga a arte e que este potencializa-se nas ações de mediação cultural como um lugar de estar entre muitos é discutido nesta pesquisa, e considera a experiência das crianças e adolescente como possibilidade de educação dos sentidos, educação do olhar, o resgate das memórias, podendo provocar estesia, ampliar olhares, tecer percepções de si e do mundo.

Considerando a riqueza das temporadas de exposições do MAB, sendo o *vernissage* um momento que possibilita o contato direto com os artistas e suas obras de arte, pode-se estabelecer uma mediação cultural, um encantamento, não o da beleza, mas como Paulo Freire diria, um encantamento pela “boniteza” dos fios que se tecem na relação dos nossos parceiros de voo com tantos outros.

Palavras-Chave: Experiência; Mediação Cultural; Museu de Arte.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.

BORBA, Adeneri Nogueira de; NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla; KUPIEC, Anne. Mediação cultural: encontros, afetos e oportunidades. In: NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla (Org.). **Mediação Cultural, formação de leitores e educação estética.** Curitiba: CRV, 2016. Cap. 5. p. 91 – 104.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros:** os estudantes e a cultura. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018. Tradução de Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle.

DIAS, Belidson.; IRWIN, Rita. (Org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia.** Ed. Da UFSM, 2013.

DUARTE JR., João Francisco. **O Sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. Curitiba. Criar edições. 2001.

FREITAS, Alice Amaral de; CARVALHO, Carla. Mediação cultural: conceitos e proposições educativas. In: JUNGE, Lindamir Aparecida Rosa; HEINZLE, Marcia Regina Selpa (Org.). **Reflexões e contribuições na formação de professores em artes visuais:** PARFOR/FURB. Blumenau: Edifurb, 2018. Cap. 8. p. 119-133.

LARROSA, Jorge, (org.). **Déjame que te cuente** - ensaios sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Tradução de: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi.

LEITE, Maria Isabel. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (Org.). **Museu, educação e cultura:** encontros de crianças e professores com a arte. São Paulo: Papirus Editora, 2005. Cap. 1. p. 19-53. BARROS, Manoel. **Memórias inventadas.** Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

URIARTE, Mônica Zewe; NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla; KUPIEC, Anne.

Mediação cultural: função de mestre explicador ou ação de mestre emancipador? In: NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla (Org.). **Mediação Cultural, formação de leitores e educação estética**. Curitiba: CRV, 2016. Cap. 2. p. 37 – 49.